

VI Seminário Internacional

políticas culturais

26 a 29 de maio de 2015

Rio de Janeiro

edição

Fundação Casa de Rui Barbosa

ISBN 978-85-7004-332-0

organizadores

Lia Calabre

Mauricio Siqueira

Deborah Rebello Lima

Adélia Zimbrão

realização

**Itaú
cultural**

 **BSERVATÓRIO**
Itaú Cultural

FUNDAÇÃO  **Casa de Rui Barbosa**
MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA




Anais do VI Seminário Internacional de Políticas Culturais

Organizadores:

Lia Calabre
Mauricio Siqueira
Adélia Zimbrão
Deborah Rebello Lima

Rio de Janeiro
De 26 a 29 de maio de 2015
Edições: Fundação Casa de Rui Barbosa



Seminário Internacional Políticas Culturais (6. : 2015 : Rio de Janeiro, RJ)
Anais do VI Seminário Internacional de Políticas Culturais, 26 a 29 de maio de
2015, Rio de Janeiro / Organizadores: Lia Calabre... [et al.] – Rio de Janeiro : Fundação
Casa de Rui Barbosa, 2015.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World WideWeb:

<<http://wwwhttp://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/>>

ISBN: 978-85-7004-332-0

1. Política cultural. I. Calabre, Lia, org. II. Siqueira, Mauricio, org. III. Zimbrão,
Adélia, org. IV. Deborah Rebello Lima, org. V. Fundação Casa de Rui Barbosa. VI. Título.

CDD 306



26 a 29 de maio de 2015

O FAZER ARTE NOS PONTOS DE CULTURA: UMA AÇÃO EM REDE

Liduína Moreira Lins¹

Ana Carênina de Albuquerque Ximenes²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo elucidar a ação em rede dos Pontos de Cultura no território brasileiro, em especial sua relação com o fazer artístico manifestado sob formas coletivas e colaborativas que compõe os modos de ação de cada Ponto. Para tanto, fez-se uso de metodologia qualitativa, com pesquisa descritiva que incluiu o levantamento empírico acerca de alguns casos que ilustram as ações dos Pontos enquanto política que se constrói e se estabelece no fazer comunitário, onde a ação em rede, a memória, a tradição e a cultura digital são combinados e interligados numa teia original que fundamenta o norte de uma política cultural com a potência das energias criadoras que tecem a cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: arte; criação; pontos de cultura; política cultural; rede.

1. Introdução

Os Pontos de Cultura são concebidos como rede, independente da institucionalidade adotada – ONG, associação etc. - e possuem formações variadas, abordando questões cotidianas e articulando o espaço de convivência, de sociabilidade. Constituem comum interesse de transformar artistas em agentes políticos fora do circuito legitimado pelas instituições do campo da arte. Lidam com temas da diversidade da cultura brasileira e questões relacionadas a diversas lutas: indígenas, afrodescendentes, quilombolas, tradição, ecologia, espaço urbano, interação de mídias e cultura digital etc.

Para compreensão dos modos de ação dos Pontos, faz-se necessário explicitar alguns aspectos e o caráter da política que os fundamentou, bem como os princípios que os sustentam. Destaca-se que as instituições reconhecidas como Pontos de Cultura já existiam e atuavam como espaços de produção simbólica - entendida como construção coletiva de sentidos e como forma do seu *modus vivendi* - e passaram a ser estimuladas com o apoio e aporte de recursos subsidiados pelo poder público.

¹ Graduada em Administração. Mestranda do Curso em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC/ SP. Produtora Cultural. Gestora da ONG Ciclocidade - Associação dos Ciclistas Urbanos de São Paulo. E-mail: liduinalins@gmail.com

² Mestre em Administração. Doutoranda do Programa de Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento – PPED do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IE/ UFRJ. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. E-mail: carenina6@yahoo.com.br



26 a 29 de maio de 2015

O Programa Cultura Viva, com o qual se originou a nomenclatura Pontos de Cultura, foi concebido como uma rede orgânica de criação e gestão cultural, e incute aos Pontos o caráter de mediação desse processo em rede. Seu foco está na potência, na capacidade de agir das pessoas e grupos e não na carência de serviços ou bens. A concepção da rede que dele advém estabelece que cada Ponto deva colaborar com outro Ponto e assim por diante. A relação de troca deve ser estabelecida entre iguais que aprendem entre si e se respeitam na diferença. São diretrizes e princípios observados nos documentos de elaboração e acompanhamento do Programa Cultura Viva e que demonstram em certa medida, o *modus operandi* dos Pontos.

Os projetos desenvolvidos pelos Pontos de Cultura, de acordo com os termos administrativos da gestão pública e pela natureza do Programa Cultura Viva, são projetos voltados para a coletividade ou realizados de forma colaborativa. Isso se confirma nos marcos que delinham o Ponto de Cultura como uma instituição cultural de atuação pré-existente nas comunidades.

O que de fato tem-se conformado como princípio direcionador e mantenedor dos Pontos de Cultura? Uma das verves que auxilia na busca de resposta para tal pergunta se encontra nos elementos que constituem a organicidade dos modos de ação, voltados para a arte por meio do uso propositado de políticas em forma de rede. Neste sentido, o artigo tem como finalidade explicitar os determinantes e algumas trajetórias empíricas da ação em rede dos Pontos.

2. Proposição teórica para fundamento da ação do Ponto de Cultura

Os Pontos combinam múltiplas atividades, públicos e interesses em organizações que atuam com grande abrangência em termos territoriais, mas de pequena escala em termos de estrutura. De formações diversas, múltiplas, dão ênfase à interdisciplinaridade e não fazem separação de mídias. Expressam o caráter da relação onde processos de criação são transformados em obras e na qual a obra é o processo.

De acordo com Salles (2011), acerca da relação entre processo e obra, pode-se destacar duas relações verificadas com os modos de ação dos Pontos de Cultura. A primeira relação é dada pelos processos de criação que são transformados em obras; a segunda relação indica que as obras são o processo, quando são transformadas no contato com o público, pois tendem a ser realizadas na constante mobilidade da forma.

Nos Pontos de Cultura e nas redes culturais que os constituem, as obras e os processos de criação diluem suas fronteiras. Assim, com a integração das linguagens e das mídias, as



26 a 29 de maio de 2015

fronteiras desaparecem porque o sentido de toda produção cultural, nesses casos, só se efetiva com o público que é a comunidade. Os processos de criação e obras dos Pontos são agenciados e mediados pelos encontros que também se estabelecem como espaços de convivência de sociabilidade: oficinas como espaços formativos e de troca de saberes, as exposições e apresentações são construídas e praticadas na e pela comunidade; são processos e os seus registros, muitas vezes, que são levados a público, como é o caso das rádios livres, as intervenções urbanas, ou mesmo os cineclubes que mostram os vídeos produzidos por esses coletivos.

As atividades artísticas promovidas e realizadas pelos Pontos buscam efetuar ligações, interações, desobstruir passagens, pôr em contato realidades apartadas, ou seja, estreitar o espaço das relações. Para Bourriaud (2009, p. 23), “o contexto social atual restringe as possibilidades de relações humanas e, ao mesmo tempo, cria espaços para tal.” Assim como “(...) hoje a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos” (Idem, 2009, p.13).

As ações dos Pontos são investidas da necessidade de compartilhar, de comunicar o que realizam e como pensam os habitantes das localidades em que atuam. Todo o modo de ação se dá pelo diálogo, laborado nas diversas formas de encontro e pelas interações provocadas a partir das experiências e saberes; as redes culturais, que compõem e são geradoras, representam o caráter dialógico dos modos de ação dos Pontos e a importância da comunicação.

Comungando ainda com Bourriaud (2009), a comunicação surge como uma possibilidade dessas passagens. Considera-se que a comunicação se opera dentro de espaços de controle que encerram os contatos humanos, decompondo o vínculo social, já que são realizadas a partir de modelos rígidos, respaldados pela lógica de mercado – reduzindo-nos à condição de consumidor -, e impedindo que outras formas expressivas e comunitárias, locais, possam alcançar ou mesmo se fazer comunicar.

O uso que os Pontos dão às experimentações artísticas, o modo como integram linguagens e temas, a adoção de modos diversos de realizar e expor suas produções artísticas, apropriando-se de materiais pouco convencionais – xilogravura, cordel, sambada de coco - e de mídias como fotografia, vídeo e as chamadas novas tecnologias – software livre – enaltecem o caráter cultural do local nas suas produções: destacam histórias do lugar, personagens, situações e temas complicadores da convivência social, por exemplo. Assim, é possível identificar arranjos singulares da produção artística dos Pontos em diálogo com o



26 a 29 de maio de 2015

modo de mediar dos agentes (artistas, gestores, público etc.) e promover a leitura de discursos e práticas ligados à constituição dos modos de vida e da criação. Dessa forma, os modos de ação dos Pontos de Cultura revelam aspectos da multiplicidade de atividades, da interação e da dinamicidade da sua produção artística.

Sob este prisma, ressalta-se outra interação nos modos de ação dos Pontos, promovida, articulada e ampliada nas suas redes culturais, que é o espaço, expresso nas múltiplas configurações: lugar de convivência, modo de levar e apresentar ao público suas produções, meio de estabelecer diálogos, trocas e intercâmbios dos seus processos de criação. Neste sentido, adota-se, para a compreensão dos espaços que os Pontos e suas redes possibilitam e promovem o conceito de ‘interstício social da arte’ de Bourriaud (2009, p. 22), que afirma: “O interstício é um espaço de relações humanas que, mesmo inserido de maneira mais ou menos aberta e harmoniosa no sistema global, sugere outras possibilidades de troca além das vigentes nesse sistema”.

Nesta perspectiva, a cidade apresenta-se como um regime de “encontro fortuito imposto aos homens”, expressão de Louis Althusser (*apud* BOURRIAUD, 2009, p. 21), de encontro casual intensivo, possibilitando uma arte cujo o tema central é o de estar-juntos, assim como a elaboração coletiva do sentido, potencializado por uma regra de civilização. Esse regime cria práticas artísticas e culturais correspondentes, substanciadas pela intersubjetividade.

Supõe-se que essa possibilidade de arte que conforma o caráter da proximidade, do estreitamento do espaço das relações, da iminência da discussão imediata sobre o que se apresenta ao público e que incorpora o coletivo, apresenta-se como elemento de ligação, como dispositivo relacional, capaz de provocar e gerar encontros casuais, individuais e coletivos, um princípio de aglutinação dinâmica, integrada ao regime de encontro fortuito.

Estes aspectos atribuídos às relações artísticas estariam, de certa forma, revelando uma forma de arte cujo fundamento é dado pela intersubjetividade, no sentido que o conhecimento é fruto da relação interpessoal ou intersubjetiva, e que, por sua vez, é produto da linguagem, vista como uma prática linguística de uso comum, dada pelas inteligências coletivas. “A arte é definida como um processo de semiotização não verbal, e não como uma categoria separada da produção global” (BOURRIAND, 2009, p. 123).

Na concepção teórica do programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura está previsto que a consolidação dessa iniciativa política se dá no resultado de um processo contínuo, em que se funde experiência pessoal, o ato de fazer, leituras e trocas de ideias. O intuito é



26 a 29 de maio de 2015

aproximar pessoas, contextos, formas de interpretação, desvendar e apontar caminhos, compreender realidades. Segundo Turino (2010, p. 15), “Ponto de Cultura não se enquadra em fôrmas (...) é um conceito de autonomia e protagonismo sociocultural.”

3. Modos de ação dos Pontos de Cultura: um breve relato empírico

O Programa Cultura Viva inverteu a lógica clássica da criação dos “centros culturais”, porque ao invés de construir estruturas físicas com altos custos de manutenção e contratação de funcionários. Desse modo, os Pontos de Cultura possuem como proposta mais abrangente valorizar os processos culturais que já existem, dando visibilidade a expressões que não eram até então objeto da política governamental (LACERDA, 2010).

Considera-se o programa como ‘cultura viva’ porque “(...) diminui a segregação social do País, multiplica os espaços e as chances reais de cada um. Oportunidades de voz, de comunicação e de vida” (FERREIRA, 2004, p. 11). Trata-se de incluir no circuito de trocas simbólicas uma população que, “sobrevivendo em meio a violentas contrariedades, oferece imprescindível contribuição à formação cultural de todos os brasileiros” (*Idem*, p.11).

Rubim (2009, p. 21), no Seminário Internacional do Programa Cultura Viva, encontro que reuniu Pontos de Cultura e seus diferentes interlocutores, e cujo objetivo foi reconhecer, sistematizar e compreender, principalmente, as experiências sociais que estavam em curso, afirmou que: “[...] integrar o Estado com tais modalidades culturais e seus atores, expõe de modo contundente o carácter excludente da nossa sociedade e denuncia a grave inadequação existente no país entre Estado e sociedade”.

De acordo com a definição da atuação dos Pontos de Cultura dada pelo idealizador, coordenador e secretário do Ministério da Cultura - MinC no período de 2004 a 2010, Célio Turino (2010), havia o direcionamento das políticas e do financiamento para àquelas organizações que lidam com agenciamentos das questões relacionadas à sociabilidade, à convivência, à produção artística que não aparecem nos espaços institucionais da arte.

3.1.1. Pontos de cultura: compartilhamento e articulação

Segundo Turino (2010) e os princípios que regeram e regem o Programa Cultura Viva, evidenciou-se que a aplicação do conceito de Gestão Compartilhada e Transformadora ao modo de agir dos Pontos de Cultura tem por objetivo estabelecer novos parâmetros de gestão e democracia entre Estado e sociedade. O princípio é de que são as pessoas que fazem cultura e não o Estado.



26 a 29 de maio de 2015

Como parceiros na relação entre Estado e sociedade, e dentro da rede, os Pontos de Cultura agregam agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si. São tratados como a referência de uma rede horizontal de articulação, recepção e disseminação de iniciativas culturais. Não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a sociedade civil.

Tomando como base tais premissas, o Ponto Casa da Arte de Educar tem sido referência para programas do Ministério da Educação que integram cultura e educação e aproximam sociedade e Estado. O projeto desenvolvido nesse Ponto, com título “Cultura e Educação em Periferias do Rio de Janeiro” desenvolveu oficinas de Contos e Literatura, Artes Plásticas, Memória e Cidade, Informática, Fotografia e Vídeo para estudantes do ensino fundamental com objetivo de qualificar o processo de educação (Figura 1).



Figura 1 - Oficina do Projeto “Cultura e Educação em Periferias do Rio de Janeiro” no Ponto de Cultura Casa da Arte de Educar³.

Em 2012, o referido Ponto realizou pesquisa-ação do projeto chamado “Um plano articulado para cultura e educação”, em parceria com o Ministério da Cultura, com o apoio do Ministério da Educação e do Instituto Lidas, para formulação de princípios capazes de orientar as políticas da cultura voltadas para a educação. Esta pesquisa foi realizada em cinco municípios-pólo, um em cada região brasileira e formou uma rede de 1.664 atores, de 22 estados e 175 municípios.

Para alguns Pontos é oferecida uma experiência mais avançada em teatro, outros em cultura digital, em vídeo, em artes visuais, ou seja, os intercâmbios que são a base do

³ (<http://www.artedeeducar.org.br/blog/2012/06/02/casa-da-arte-de-educar-mangueira/>)



26 a 29 de maio de 2015

incremento da rede a qual os Pontos tecem, acontecem pelas afinidades de linguagem ou de temas por eles abordados, pelas aproximações territoriais ou mesmo pela troca de experiências entre em si e em rede.

3.1.2. Pontos de cultura: ação em redes

Os Pontos de Cultura são tidos como espaço de sedimentação da macrorrede Cultura Viva, uma organização da cultura em nível local e de mediação na relação entre Estado e sociedade e entre outros Pontos de Cultura, que constituem assim, redes por afinidades. O modo de atuar do Ponto de Cultura Vídeo nas Aldeias revela esse caráter de rede com equipe de cinegrafistas formada por indígenas. Fazem-se presentes em encontros que debatem a etnia, registram e disseminam nacionalmente e internacionalmente suas questões. Captam com olhar de quem integra uma aldeia, abordam aspectos relevantes aos modos de habitar e existir das aldeias e distribuem por meio da venda suas obras audiovisuais (Figura 2).



Figura 2 - Guarani-Mbya: oficina de vídeo do Ponto de Cultura Vídeo nas Aldeias de Porto Alegre - RS, em 2007⁴.

O uso do vídeo pelas aldeias que formam a rede de Pontos permite a troca de saberes, proporciona às comunidades indígenas a seleção e a afirmação de manifestações culturais que serão conservadas para as futuras gerações quando apresentadas como parte de suas identidades. A produção audiovisual funciona como documento histórico e apoia-se na força da palavra e na memória oral para adaptar o suporte vídeo às formas tradicionais de produção e transmissão cultural, e, todas as realizações utilizam software livre.

⁴ (Site do MinC <http://www2.cultura.gov.br/site/2010/01/27/encontro-dos-povos-guarani-3/>)



26 a 29 de maio de 2015

3.1.2.1.a. Cultura digital na ação das redes

Devido à natureza mediadora dos Pontos a respeito da mobilização e articulação política, construção de espaços de comunicação e de disseminação e promoção de uma cultura livre, ou seja, não submetida aos padrões mercadológicos, o Programa necessitou difundir o caráter da cultura digital na elaboração das atividades e ações propostas.

... a inclusão digital se refere ao acesso aos meios tecnológicos (computador e internet) e cultura digital se refere aos usos sociais da internet, sua capacidade de interconectar cultural e socialmente um número significativo de pessoas, grupos e comunidades (BARBOSA: 2011, p. 13).

Neste sentido, a inclusão da concepção de cultura digital ao modo de atuar dos Pontos fez-se necessário como instrumento catalizador de suas redes: instrumentos para a formação de públicos para a criação artística, para educação continuada, para o compartilhamento de sentidos de comunidade, pertencimento local e atualização das tradições. As políticas de cultura digital adicionam possibilidades à proteção, à valorização e à disseminação dos valores ligados ao patrimônio cultural. Permitem a circulação de exposições virtuais, criação de obras coletivas, disseminação de músicas, troca de textos e imagens etc. Desta forma, a concepção de uma cultura digital nas redes tecidas pelos Pontos denota como ação transversal que se destinou a fortalecer, estimular, desenvolver e potencializar as redes virtuais e presenciais entre os Pontos de Cultura.

Destaca-se no seu papel de mediação da rede, a apropriação e o acesso às ferramentas multimídia em software livre pelos Pontos de Cultura para gerar autonomia. É também de natureza experimental a incorporação da cultura digital junto aos Pontos, que também pesquisa as possibilidades das novas tecnologias para usos sociais e culturais e contribui para a elaboração de estudos sobre novas formas de colaboração e cooperação. Desse modo, a internet tem sido o instrumento mais presente para disseminação e comunicação, e é um dos principais organismos na articulação de aldeias indígenas, dentro do Programa Cultura Viva.

Outro modo de ação de produção e apropriação da cultura digital é o Ponto de Cultura “Índios On-line” onde atuam 07 comunidades: Pataxó-Hãhãhãe - BA, Tupinambá - BA, Kiriri - BA, Tumbalalá - BA, Pankararú - PE, Cariri-Xocó -AL, Xucuru-Kuriri - AL. Índios voluntários que buscam autonomia, demarcação do seu território, promovem ações que fortalecem e afirmam suas manifestações e suas tradições, contribuindo para o resgate e resistência da cultura brasileira, por meio de uma rede. Contam com a salvaguarda da ONG Thydêwá que responde formalmente pelos convênios e recursos públicos para as ações da



26 a 29 de maio de 2015

rede Índios On-line. Este Ponto de Cultura serve como canal de diálogo, encontro e troca, facilitando a informação e a comunicação para vários povos indígenas e para a sociedade de maneira geral. Pelas suas características, ele já surge com o trabalho em rede, promovendo a constituição de outros Pontos. Sendo assim, amplia sua atuação e torna-se Pontão de Cultura, cujo caráter está respaldado no fomento de outros Pontos em rede.

Índios On-line tem como projeto principal, a ‘Oca Digital’ que desenvolve ações diversas junto às outras instâncias competentes para lidar com questões específicas e demandas das aldeias indígenas. A Oca Digital funciona como uma “Célula de Inteligência Coletiva, onde converge e dialoga a diversidade cultural”, afirma o coordenador do projeto e presidente da ONG Thydêwá, Sebastián Gerlic. Conforme vídeo do ‘Canal Celulares Indígenas’, mantido na plataforma *Youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=74Oo-iLnOiM#action=share>), a Oca Digital é apresentada como um espaço midiático, próprio para tratar da resistência do povo indígena, sua cultura e tradição (Figura 3).

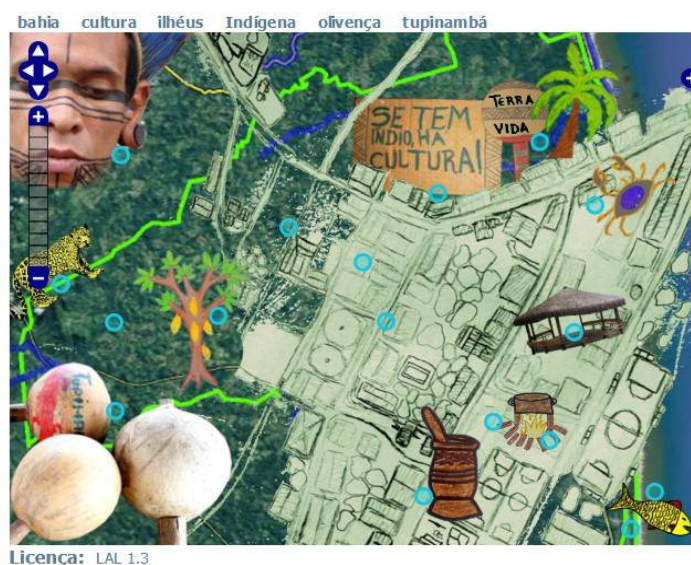


Figura 3 - Oficina “Mapas Afetivos” realizada em outubro de 2010, na Oca Digital, Olivença - BA⁵.

Na Oca Digital cada célula participa com um número diferente de pessoas, jovens e adultos. A premissa é direcionar as atividades não pela necessidade dos participantes, mas sim pela comunidade indígena. Sete comunidades indígenas integram a Oca, aquelas que já possuíam grupo de gestão, de ação, cujas autonomia e propósitos são definidos na luta pela defesa da comunidade. Com o Ponto de Cultura essas comunidades encontram uma nova

⁵ (<http://ocadigital.art.br/mapas-afetivos-bruno-tarin/>).



26 a 29 de maio de 2015

forma de se verem e serem vistas.

O Ponto de Cultura Índios On-line produz vídeos cuja maioria não tem autoria, usam frases do coletivo em nome de seus grupos, utilizam a plataforma para expor suas vozes e apresentar suas experiências, com a demonstração do quanto se apropriaram das linguagens usadas, misturando, por exemplo, o ato de experimentar a linguagem audiovisual aos discursos cotidianos que marcam suas lutas e busca por espaços de convivência, sociabilidade e lazer.

Para a exibição desses vídeos eles realizam cineclubes, como o recém-criado 1º Cine Cultural no Museu Escola da Aldeia Brejo dos Padres, localizada em Tacaratu-PE, no qual alunos e professores da Escola Indígena Pankararu Dr. Carlos Estevão participaram da exibição dos vídeos que retratam as semelhanças e diferenças dos rituais de antes com os de hoje. Os vídeos têm a função educacional, sobretudo, de reconhecimento da própria história e relação identitária da comunidade (Figura 4).



Figura 4 - Cineclube Pankararu: 1º Cine Cultural PCI no Povo Pankararu, Aldeia Brejo dos Padres, Tacaratu-PE⁶.

3.1.2.1.b. Tradição, memória e cotidiano

Os Pontos de Cultura que utilizam a cultura digital como modo de ação, também se utilizam dos instrumentos de comunicação como parte de suas produções, apropriando-se de diversas linguagens e, principalmente, do audiovisual como forma de difusão e promoção de espaços de exibição e de encontros. Esses encontros acontecem entre agentes que vivem e atuam na comunidade onde atuam os Pontos, constituindo espaços de sociabilidade, de conhecimento e percepção da própria história do lugar, do seu contexto.

⁶ (<http://www.indiosonline.net/1o-cine-cultural-pci-no-povo-pankararu/>).



26 a 29 de maio de 2015

O que é produzido e mostrado ao público pelos Pontos de Cultura é considerado parte do processo, pois não há segmentação entre processo e obra. Há sempre algo a ser incorporado e conquistado em suas produções artísticas. Muitas vezes, é na própria comunidade onde se tecem espaços de arte para esses Pontos, e são considerados como estrutura alternativa para a sociabilização diante da ausência de espaços de encontros e de lazer.

A ECOS integra, articula e promove a formação do Ponto de Cultura ‘Rede de Memórias Serras do Ceará’ (ver Figura 5), cinco Pontos de Cultura existentes em duas regiões serranas do estado (Serra de Baturité e Serra da Ibiapaba), com foco na valorização das culturas da pessoa serrana, a exemplo do Ponto de Cultura Serra do Evaristo, em Baturité, e, do Ponto de Cultura da Comunidade Indígena dos Índios Kanindés, em Aratuba.



Figura 5 - Festival AGUA 20 anos: oficina de fotografia para ECOS, realizada entre os dias 26 de novembro e 01 de dezembro de 2012, Guaramiranga - CE⁷.

Destaca-se que o Ponto Rede de Memórias das Serras do Ceará implantou memorial em rede, descentralizado, físico e virtual da cultura dos povos serranos, com desdobramentos em três vertentes: capacitação de agentes culturais de Pontos de Cultura, preservação e difusão da memória, e, geração de produtos de comunicação. Além disso, desenvolve um conjunto de atividades de formação, pesquisa e produção em Comunicação para implantação de uma Rede de Pontos de Memória das Serras do Ceará.⁸

⁷ (<http://ecosdeguaramiranga.blogspot.com.br/2012/11/festival-agua-20-anos-dia-1.html>).

⁸ (<http://memorias.agua.art.br/serras/institucional.php>).



26 a 29 de maio de 2015

3.1.2.1.c. Espaço de criação

Os modos de ação dos Pontos de Cultura são consequências de formações, atividades, diálogos, promoção de encontros que acabam por promover e incentivar formas diversas de interações abrem espaços para a sua produção nos campos que lidam e acolhem as lutas e temas, exterior ao campo das instituições vigentes na arte: galerias, bienais, por exemplo. Compõem-se de associações, ONGs, institutos, instituições mantidas e organizadas pela sociedade, constituindo ações de cultura digital e alternativas de mídias, produção de conteúdos diversos: audiovisual (rádio, vídeos para TV e Web), espetáculos e encenações, literatura, artes visuais, intervenções urbanas etc., relacionando-os com o espaço de convivência, com o modo de habitar o bairro, a comunidade, o município.

O Ponto de Cultura Coco de Umbigada, com a colaboração do Lab. Cultura Viva realizou e produziu o vídeo autoral “Radio Amnésia” e realizou a gravação do primeiro documentário da “Sambada de Coco”, durante o evento (a Sambada) que acontece todo primeiro sábado de cada mês, em Olinda, Pernambuco, conforme Figura 6. Como narrou Daniel Luís, do Centro Cultural Coco de Umbigada: “...todos estavam bem empenhados na construção coletiva do processo do vídeo. Acredito que o resultado vai ser maravilhoso. No Guadalupe, o Coco é de Umbigada: a autoestima de uma comunidade com a brincadeira do coco”⁹.



Figura 6 - Sambada de Coco e Gravação Doc Coco de Umbigada: Sambada de coco e gravação do doc no Centro Cultural Coco de Umbigada, realizados em 03 de setembro de 2012, Olinda - PE¹⁰.

Baseando-se nas considerações de Salles (2011), ao mapear as características da arte contemporânea relativas à interatividade, ao espaço e à ação dos artistas como agentes, permite supor que os aspectos levantados sobre os modos de ação dos Pontos de Cultura, seus processos de criação e o que deles resultam, refletem a inexistência de uma delimitação de

⁹ (<http://labculturviva.org/node/832>)

¹⁰ (Idem)



26 a 29 de maio de 2015

mídia e indefinição de fronteiras.

4. Considerações

Há de se destacar que nos modos de ação dos Pontos de Cultura é intrínseca a relação entre o processo e o que é apresentado ao público. O que é mostrado ao público é o modo dos Pontos atuarem na comunidade. Neste sentido, considera-se que as produções culturais e atividades promovidas pelos Pontos – vídeos, cineclubes, teia, oficinas, encontros, discussões em torno da arte produzida por esses etc. – são espaços alternativos de experimentação artística, que é externalizado ao público é considerado como algo em potencial.

Segundo Salles (2011), os espaços de experimentação artística estão baseados na ausência de fronteiras de mídias que compõe a relação entre processo e o que é apresentado ao público. Esse caráter de aproximação da produção artística e da integração das mídias para experimentar modos de atuar, produzir linguagens e apreendê-las, são os modos próprios dos Pontos de Cultura de atuarem. Tecem suas ações por meio da experimentação de diversas linguagens, integram mídias e o que é mostrado ao público é parte do processo, inclusive o modo de apresentação.

Os Pontos de Cultura, enquanto foco das reflexões supracitadas, impelem o observador a atentar para os processos que estimulam e provocam a criação, tendo a valorização e o desenvolvimento da cultura plural como finalidade, ainda que a ação política seja inerente e o social, a finalidade. Mas, sempre considera-se a desigualdade de condições e oportunidades e, portanto, o processo de subalternização produzido pelo capitalismo.

Todos os Pontos de Cultura supracitados têm inserção na comunidade que atuam e, portanto, não só são orientados, como existem para promover algo nos espaços onde atuam ou localizam-se. Assim, os modos de ação dos Pontos de Cultura sinalizam para o campo da arte as seguintes possibilidades:

- Interação das experimentações artísticas;
- Articulação das questões cotidianas relacionadas ao lugar que se habita e ao como se habita;
- Mobilização das experiências com artistas, agentes, outros Pontos;
- Experimentação de linguagens múltiplas e apropriação dos diversos meios para propagar suas ações; e,
- Participam e compõe diversas formas de redes, inclusive voltadas para o intercâmbio de processos de criação. São processos de criação que são transformados em obras e obras que são processos.



26 a 29 de maio de 2015

5. Referências bibliográficas

BARBOSA, Frederico. In: IPEA. Pontos de Cultura – Olhares sobre o Programa Cultura Viva. Orgs: Frederico Barbos e Lia Calabre. Brasília, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas; tradução Denise Bottmann. Estética Relacional. São Paulo: Martins, 2009.

FERREIRA, Juca. In: MinC. Cultura Viva - Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária – 3ª Edição. Brasília, 2004.

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Orgs: Frederico A. Barbosa da Silva e Herton E. Araújo. Cultura Viva – avaliação do programa arte, educação e cidadania. Brasília, 2010.

LACERDA, Alice Pires de; Marques, CAROLINA de Carvalho e ROCHA, Sophia Cardoso. Programa Cultura Viva: uma nova política do Ministério da Cultura. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). Políticas culturais no Governo Lula. Salvador, EDUFBA, 2010.

RUBIN, Albino. In: Seminário Internacional do Programa Cultura Viva: Novos Mapas Conceituais, Brasília, 2009. Disponível em: http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2012/01/SeminarioCulturaViva_final.pdf

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado – processos de criação artística. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

_____. Arquivos de criação: arte e curadoria. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

_____. Crítica genética - Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação. 3. ed. São Paulo: Educ, 2008.

_____. Redes da criação – construção da obra de arte. 2. ed. São Paulo: Horizonte, 2008.

TURINO, C. Ponto de cultura: a construção de uma política pública, 2010. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/viewFile/61/76>. Acesso em: março. 2013.